

que se adquiria com a tarimba, com o estagiário «aprendiz»? De certa forma a existência do curso universitário vem colmatar essa ausência de relação entre o novato e o profissional experiente?

Manuel Dias: A partir do momento em que se estabiliza uma redacção (a redacção do DN é hoje extremamente jovem, a média de idades deve rondar os trinta, ou menos) e não creio que neste momento se vá além de alguns ajustamentos, há a hipótese de um maior acompanhamento. O que aconteceu ali foi uma mudança completa e, às tantas, os poucos que ficaram começaram a sentir que estavam a nadar no meio do pessoal que entrou. Como o pessoal que entrou não tinha referências, durante uma série de tempo não podíamos dizer se determinada coisa estava mal ou bem feita, porque não tínhamos referências. Estava mal ou bem feita em relação a quê? Mas neste momento estamos a assentar as coisas. Por exemplo, voltou a haver um livro da redacção com normas absolutamente rigorosas sobre a forma de redigir, sobre certo jargão a evitar, como é que se faz em relação aos estrangeirismos... Há normas consignadas sobre esse tipo de coisas e eu acho que isso vai dar hipóteses a se fazer alguma coisa... Agora, ainda há alguns estagiários que vêm quase por obrigação, porque é imposição do curso, no final, fazer um estágio num dos jornais... Evidentemente se um jornal não tem perspectivas de integração das pessoas, se calhar, infelizmente não as pode acompanhar. Agora, se o jornal está a precisar de uma pessoa e se vai ele buscá-la, então tem todo o interesse em acompanhar; isso acho que vai ser possível a partir deste momento em que a situação na redacção estabilizou. Porque aquela enchente que caiu ali um dia, já está encaminhada, está mesmo dentro do quadro.

Vadiagens:

QUELHAS Qual é o seu escritor favorito e o livro? São algumas perguntas para respostas breves...

Manuel Dias: Eh pá! Isso assim é difícil, é muito difícil de dizer... Mas eu posso dizer... Assim nos escritores portugueses, das coisas que li ultima-

mente, gostei muito do último livro da Teolinda Gersão, já não lia a Teolinda Gersão há quatro ou cinco anos, A Casa de Cabeça de Cavalo... Gostei muito do último livro do Eduardo Agualusa, que também veio dali [do DNJ], mas pronto, este gostei bastante mais do que das coisas anteriores... É muito difícil de dizer, mas se tivesse de pôr um nome, acho que punha o Herberto Helder. É uma pessoa de que eu gosto mais porque tem um rigor na prosa que é, se calhar, inultrapassável. Mesmo quando diz coisas que fazem sentido no sentido mais estrito... E depois na poesia utiliza essa capacidade que ele tem de rigor para deformar! É aquela cena do Picasso, o Picasso faz aquelas cenas realistas e depois consegue dar a volta à situação... E uma pessoa mesmo quando não percebe, na poesia, o sentido, está fascinada pela maneira como ele consegue modelar a linguagem.

QUELHAS Então é o jornalista favorito? [...]

Manuel Dias: O Ferreira Fernandes! Acho que é o melhor cronista português. Estes escritinhos dele na página 2 são... Aquilo é que é um exercício mesmo incrível porque tem de se limitar àquele número de linhas. E o Cunha Rêgo também é espectacular. É incrível.

QUELHAS Na música e na escrita parece que se instalou um gosto pelo que é português. [...]

Manuel Dias: (Interrompendo) Se calhar é uma reacção ao predomínio durante uma série de tempo às coisas de raiz anglo-saxónica, não sei. Mas eu não partilho essa... Em relação à escrita talvez. Eu se calhar leio predominantemente coisas de portugueses, mas em relação à música não. O meu rádio só tem dois postos: a TSF e a Antena 2. A música ouço na Antena 2 e os noticiários ouço na TSF. De maneira que... [...]

QUELHAS Então e qual é o melhor produto jornalístico, na sua opinião?

Manuel Dias: Sem dúvida o Fórum da TSF. E como jornal (a seguir ao Diário de Notícias) o Público. Estou a fazer promoção do nosso adversário directo,

mas, pronto, tem de facto qualidade. Mas neste momento acho que nós estamos a dar luta... Ainda bem que apareceu o Público, porque foi um projecto que nos obrigou a trabalhar e a ter que «esmifrar» para fazer melhor. Era muito fácil liderar, naquele sector a que nós nos destinávamos, não tendo concorrência nenhuma na altura! Portanto, foi bom.

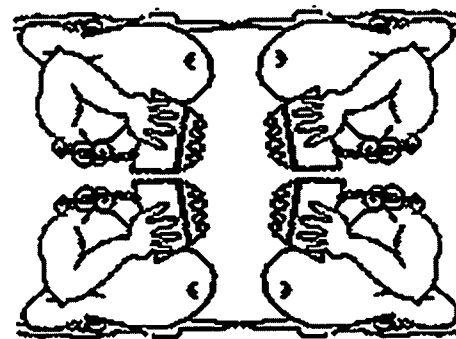
QUELHAS E para acabar: se pudesse escolher um tema para um grande debate nacional qual escolheria e porquê?

Manuel Dias: Eh pá... Um debate nacional, mas sobre um assunto nacional?

QUELHAS Não [necessariamente]. Um tema que gostasse de ver debatido.

Manuel Dias: Um tema a que eu sou mais sensível... é o das ofensas à ecologia, aos recursos naturais, à sobrepopulação, essa coisas todas. Mas há uma coisa que me preocupa muito que é a falta de consciência que cada vez se tem mais sobre os limites da realidade. Habitúamo-nos a ver cada vez menos a fronteira entre a ficção e a realidade. Demitimo-nos de tomar determinadas precauções... «Não deixes a luz acesa, não deites o papel para o chão», enfim, este é aquele aspecto ridículo e caricato da questão, mas devíamos ter preocupações a outros níveis. Só pensamos que os cientistas hão-de resolver tudo, mas a realidade tem limites. É isso.

QUELHAS Obrigado.



Nota: As ilustrações que se podem ver neste artigo foram recolhidas em www.dn.pt ou resultam de montagem posterior sobre essas ilustrações.

Rui Branco com colaboração de Nuno Seco